



JOSÉ AUGUSTO NEVES CARDOSO PIRES – Escritor. Nasceu a 2 de Outubro de 1925, na aldeia de São João do Peso, Vila do Rei (Distrito de Castelo Branco). Com poucos meses de idade veio viver para a Rua José Carlos Barreiros, 7, em Lisboa. A partir de 1932 frequentou a Escola Primária N.º 14, no Largo do Leão, e prosseguiu os estudos no Liceu Camões. Estreou-se então nas Letras, com o texto “As Aventuras do Mosquito Zigue-Zague”, no jornal escolar *O Pinguim*. Entre 1945 e 1946 colaborou como crítico literário no jornal *O Globo* e na revista *Afinidades*, do Instituto Francês de Lisboa, e publicou o seu primeiro conto, “Salão de Vintém”, inserido na Antologia *Bloco*, de jovens universitários – este conto foi censurado pela PIDE. Iniciou-se no Jornalismo em 1949, como redactor e mais tarde foi chefe de redacção na revista *Eva*. Nesse ano, publicou, em edição de autor, o seu primeiro livro de contos, *Os Caminheiros e Outros Contos*. Em 1952 publicou *Histórias de Amor (Contos)*, logo apreendido pela PIDE – Cardoso Pires ficará detido durante 3 dias. Em 1954 publicou *The Outsiders*, a primeira tradução do seu conto “Os Caminheiros”, na revista *Argosy* (Londres). Em 1958 foi editado *O Anjo Acorado*, romance que esgotou rapidamente e logo foi lançado uma 2.ª edição. No ano seguinte estagiou em Milão, na revista *Época*, e, em Lisboa, fundou a revista *Almanaque* (1959). Exilou-se entre 1960 e 1961 no Brasil e em Paris. Em 1960 publicou *O Render dos Heróis*, uma narrativa dramatizada (Cine-Teatro Império, 1965), e *A Cartilha do Marialva* (ensaio). Regressou a Portugal em 1961, retomou a direcção da revista *Almanaque* e foi eleito membro da Direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores. Em 1962 estreou-se como *copy-writer* de Publicidade, reestruturou a *Gazeta Musical e de Todas as Artes*, e, em 1963, editou *O Hóspede de Job*, novela consagrada com o Prémio de Novelística “Camilo Castelo Branco” (1964). Cronista de “Os Lugares Comuns” no *Diário Popular* e fundador do “& etc., magazine das letras, das artes e do espectáculo” do *Jornal do Fundão* (1967). No ano seguinte dirigiu o suplemento literário, de humor e crítica “A Mosca”, do *Diário de Lisboa*, e publicou *O Delfim*, romance considerado livro do ano, pelos *Le Monde*, *Quinzaine Littéraire* e *Le Nouvel Observateur*. Entre 1969 e 1971 leccionou Literatura Portuguesa e Brasileira no *King’s College* da Universidade de Londres. Em 1972 editou uma sátira política que provocou grande polémica na Assembleia Nacional - *Dinossauro Excelentíssimo*. Em 1974 foi nomeado Director-Adjunto do *Diário de Lisboa*, Vereador do Pelouro da Cultura e Presidente da Comissão Cultural da Câmara Municipal de Lisboa. Num registo memorialístico publicou, em 1977, *E Agora, José (Crónicas)*, aumentada em *Cardoso Pires por Cardoso Pires* (1991). Entre 1978 e 1979 voltou a viver em Londres como *resident-writer* e escreveu a peça de teatro *Corpo – Delito na Sala de Espelhos* (1979), uma análise do submundo da polícia política, apresentada em Maio de 1980 no Teatro Aberto. Redigiu a reportagem sobre o Vietname “Apocalipse 2” para as revistas *Triunfo* e *Hoy*, da qual se reproduziram excertos no *Diário de Lisboa*. No ano de 1982 editou a *Balada da Praia dos Cães* e recebeu o Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores (1983). Foi também Livro do Ano para o *Sunday Times*. Este romance foi adaptado ao cinema em 1987. Entre 1986 e 1987 escreveu crónicas no semanário *O Jornal*, intituladas “Poker Aberto”, e editou o romance *Alexandra Alpha*, consagrado com o Prémio Especial da Associação de Críticos de S. Paulo, Brasil. Internacionalmente, a sua obra também foi reconhecida com o Prémio União Latina (Roma, 1991) e o Astrolábio de Ouro do Prémio



Novecento (Pisa, 1992). Lançou em 1994 *A Cavalos do Diabo*, crónicas que escreveu semanalmente para o jornal *Público*. *De Profundis, Valsa Lenta* (memórias, 1995), obra que recebeu dois prémios (D. Dinis e da Crítica), foi publicada em 1997, juntamente com *Lisboa, Livro de Bordo (crónicas, 1997)*, ano em que a sua obra foi distinguida com o Prémio Pessoa. O seu último conto foi *Viagem à Ilha de Satanás*, publicado na Colecção EXPO'98, ano em que recebeu o Prémio Vida Literária da APE. A partir de Julho de 1998 entrou em coma profundo e morreu na madrugada de 26 de Outubro. O seu corpo foi velado no Palácio Galveias e as suas cinzas encontram-se no Mausoléu dos Escritores, na Rua n.º 6, do Cemitério dos Prazeres, em Lisboa. A CML perpetuou a sua memória ao atribuir o seu nome a uma rua na Freguesia do Lumiar em Lisboa, em 1999.

Cristina Caeiro
(Setembro 2008)